



PUTA FEMINISTA

**HISTÓRIAS DE UMA
TRABALHADORA SEXUAL**

**ORFEU
NEGRO**

GEORGINA ORELLANO

**TRADUÇÃO
HELENA PITTA**

**PREFÁCIO
JOANA CANEDO**

Obra editada no âmbito do Programa Sur de Apoio às Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina

Obra editada en el marco del Programa Sur de Apoyo a las Traducciones del Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto de la República Argentina



Programa **Sur**

TÍTULO ORIGINAL

Puta feminista: Historias de una trabajadora sexual

AUTORA

Georgina Orellano

TRADUÇÃO

Helena Pitta

PREFÁCIO

Joana Canêdo

REVISÃO

Guilherme Pires | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

CAPA E CONTRACAPA

Montagem de Rui Silva sobre retrato de Georgina Orellano,
fotografia de Nora Lezano

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2023 Orfeu Negro

© 2022 Georgina Orellano

© 2022 Penguin Random House Grupo Editorial S.A.

Fotografia © 2018 Nora Lezano

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Setembro 2023

DL 520946/23

ISBN 978-989-9071-80-3

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Índice

Balada da Rita	7
Prefácio de Joana Canêdo	
Somos esse insulto	27
Introdução	
1. Um trabalho como o teu	31
História As cobradoras de lugares	45
2. O salvador	49
3. O meu direito de ser uma rameira	57
História Não tenho medo	69
4. O progenitor	73
5. Uma boa mãe	81
História Com a minha esposa não	89
História Tu podes ajudar-me	93
6. Sindicalizar a esquina	97
7. Eu, delegada	103
História O amor vence o ódio	109
8. Uma experiência amarga	113
História O bibliotecário	119

9. «O sindicato ou eu»	123
História Loucas de merda	133
10. Doeu-me mais amar que cobrar	139
11. Clandestina nunca mais	149
História O avô e a mamucha	157
12. A polícia não pergunta	165
História Rápido no gatilho	173
13. O teu rosário de problemas	179
14. Xs criminalizadx	189
15. Nem abolicionismo, nem regulamentação: despenalização	195
16. A minha década ganha	205
17. Sem nós não há feminismo	211
História O montonero	221
18. Filhxs de	229
19. Puteio, logo existo	241
História Senhora, eu vendo mentirinhas	249
 CV de uma puta	 257
Epílogo	
Agradecimentos	263

*O trabalho sexual é uma forma de exploração,
mas nem é a única, nem é necessariamente a pior.*

SILVIA FEDERICI

Eu sou porque nós somos.

MARIELLE FRANCO



Somos esse insulto

Durante muito tempo, quando alguém aludia àquele que é o meu trabalho há quinze anos, fazia-o usando o eufemismo da profissão «mais antiga», mas, para mim, o que a humanidade tem de mais antigo é a condenação das mulheres, das lésbicas, das travestis, das trans e das prostitutas que bem condenadas temos sido – e continuamos a ser – nesta sociedade machista e patriarcal.

Quando iniciei a minha militância na AMMAR, o sindicato dxs trabalhadorxs sexuais da Argentina, a primeira coisa em que reparei foi no peso dos preconceitos acerca do nosso trabalho. Os preconceitos nascem do desconhecimento. E acerca das putas, desconhecimento é o que mais há.

Por isso decidi escrever na primeira pessoa, para pôr a circular outras vozes, vozes caladas e silenciadas. As nossas vozes.

Embora me sobrem motivos para pôr em palavras tantos anos de rua, ao mesmo tempo a minha raiva transvaza. Muitos reflectiram por nós e sobre nós e criaram-se políticas públicas nas quais a salvação e o resgate são as únicas intenções. E se quem diz querer melhorar o nosso destino nos consultasse e nos deixasse participar?

Os anos de activismo também me revelaram a incomodidade que gera o facto de querermos agarrar na batuta e recuperar a

nossa voz. Espera-se que reforcemos discursos punitivos, que designemos as nossas salvadoras e exijamos trabalhos dignos. Nada mais distante de tudo o que temos para contribuir e para dizer.

Os discursos dominantes sobre a prostituição, que deram lugar à supressão das nossas decisões e vontades, são aqueles que nos vêem sempre como vítimas incapazes de pensar por si sós, que precisam de ajuda, que tentam sair de um inferno.

Como se nós, putas, não pensássemos.

Rejeito essas etiquetas impostas durante séculos sobre os nossos corpos.

Não suporto a ideia de sermos pensadas apenas como vítimas.

Combato o nosso isolamento.

Ergo a voz para sermos ouvidas.

Porque mais importante do que a nossa foi sempre a palavra das especialistas: mulheres brancas que falam com uma terminologia muito técnica para estabelecerem um único discurso hegemónico na academia, no feminismo e até no Estado. A certos enquadramentos teóricos falta-lhes rua e classe operária, essa classe à qual nós, putas, orgulhosamente pertencemos.

Depois de tantos *papers* em que nos li num lugar secundário, hoje vim para a desforra. Se vão ler, deverão ler as putas; se vão estudar, será com a puta à frente do gravador e com os pés bem assentes na nossa zona. Se vão transcrever, serão os nossos saberes. Se vão escrever *papers*, incluam os nossos conhecimentos e a nossa experiência.

Passarmos de objecto de estudo a sujeito político.

SOMOS ESSE INSULTO

Sim. Nós somos.

Somos aquelas que quiseram varrer para debaixo do tapete.

Somos aquelas em quem depositaram todas as misérias.

Somos esse insulto.

Somos essa palavra que causa pudor e vergonha.

Somos esse anúncio que arrancaste uma infinidade de vezes e atiraste ao chão.

Somos essas esquinas e esses bairros por onde tens medo de transitar, somos as excluídas que só têm licença para habitar as noites e os lugares onde a nossa putaria não dê tanto nas vistas.

Somos o putedo incendiado, somos o que não imaginas e muito mais.

Somos trabalhadorxs, labutadorxs de carne e osso.

Somos putas. Prostitutas. Alternadeiras.

Oxalá depois de leres estas páginas ponhas de lado os preconceitos de uma vez por todas.